

No Tempo das Carruagens

Empenhado numa futrica miúda para evitar que o presidente do Senado, Humberto Lucena (PMDB-PB), presida a revisão constitucional em outubro, o novo presidente da Câmara dos Deputados, Inocêncio de Oliveira (PFL-PE), abriu fogo contra o Senado. "Farei tudo para acabar com a figura do Congresso", disse o príncipe de Serra Talhada, acrescentando em seguida que não medirá esforços para reduzir a Câmara Alta a um lugar que "realiza sessões solenes e dá posse ao presidente da República."

A nação sente um calafrio diante de tal envergadura. Pelo cargo que ocupa, afinal, Inocêncio é o primeiro homem na linha de sucessão de Itamar Franco. É o substituto de fato e de direito em seu impedimento e ausências eventuais. De nada adianta repetirmos em voz baixa que a primeira hipótese é remota, e a segunda por demais efêmera e limitada para provocar grandes estragos. O fato é que Inocêncio é o vice. Só isto deveria conferir prioridade ao reexame da vice-presidência na revisão constitucional.

O mistério dessa figura é que ela é em tudo desimportante, exceto pelo fato de que sempre pode tornar-se o governante máximo. Por um curioso mecanismo defensivo, descarta-se sempre a eventualidade, razão pela qual não se escolhe o vice para governar, mas sim para ajudar a eleger o titular. Em consequência, a escolha do vice tem uma lógica que raramente leva em conta a probabilidade real da substituição.

Mas se mudanças de estilo e de prioridades são riscos inerentes em chapas eleitas pelo voto direto, é uma verdadeira temeridade um sucessor desvinculado do sufrágio universal, que não tem o menor compromisso com o programa eleito, que nunca expôs suas idéias — se é que as tem — à nação, nem propôs qualquer projeto de lei digno de nota.

No momento mesmo em que se tenta colocar

nos trilhos a accidentada história do Brasil republicano (a probabilidade estatística brasileira é a substituição de quatro em cada dez presidentes), persistimos no absurdo hábito de trocar o presidente por seu vice toda vez que o titular se ausenta do país, ainda que seja por algumas horas.

Trata-se de uma papagaiada incompreensível num mundo interligado de forma simultânea e instantânea por telefone, fax e computador. Fazia sentido no tempo em que reis navegavam em caravelas e duques trafegavam em carruagens. Nos Estados Unidos a presidência viaja com o presidente. Governos europeus viajam com os governantes. Mesmo baleado, Reagan continuou sendo o presidente.

Nós aqui temos até o vice do vice, compondo um anedotário de interinidades. Na linha impagável, por exemplo, houve Ranieri Mazilli, que entrou para o *Guiness Book* de recordes pelo elevado número de vezes em que vestiu a faixa presidencial, só por ser o primeiro nome na linha de sucessão. Para quê? Para nada.

O estilo patético marcou o período Sarney. Por ocasião de uma de suas idas ao exterior, o então presidente da Câmara, deputado Paes de Andrade, inflou-se politicamente, encheu um *Boeing* presidencial de convidados e jornalistas e foi posar de chefe de Estado em Mombassa, seu torrão natal, no Ceará. Inocêncio de Oliveira, que era o primeiro-secretário da Mesa, assumiu prestamente o timão e mandou arquivar o pedido de abertura de uma CPI que investigava denúncias de corrupção no governo Sarney.

De interinidade em interinidade, Inocêncio chegou lá. Está mesmo ameaçando acabar com a figura do Congresso, na primeira trapalhada de uma lista que promete ser longa. Na próxima viagem de Itamar, o *Boeing* presidencial já tem destino certo.